



Amizade de transferência

*Luis Kancyper**, Buenos Aires

Neste artigo, o autor centra-se no estudo específico da amizade através dos seguintes temas: 1) Amizade: uma irmandade escolhida; 2) Correspondências na amizade; 3) O amigo na topologia intrapsíquica: o outro si mesmo não consanguíneo; 4) Narcisismo e relação de domínio na amizade e no enamoramento; 5) Sexualidade e relação de domínio no campo analítico: a amizade de transferência. A amizade de transferência em simetria como contraponto à noção de amor de transferência (Freud, 1915) é uma transferência positiva sublimada que favorece a aliança terapêutica. Manifesta-se na dinâmica do campo analítico no seio de uma atmosfera (Stimmung) afetiva confortável, tenra, distendida e intensa ao mesmo tempo. Na realidade, a amizade de transferência, representa um momento transferencial-contratransferencial diferente do edípico, narcisista e fraterno. Opera como um indicador clínico particular que surge quando se constrói uma atmosfera de intimidade, confiança e franqueza profundas no vínculo entre analisando e analista e suscita, como consequência, tornar conscientes certos desejos reprimidos e cindidos que, por dor, culpa ou vergonha, teriam sido calados secretamente, porque infligiam no analisando uma intolerável vexação psicológica.

Descritores: Narcisismo. Enamoramento. Amor. Amizade. Relação de domínio. Transferência. Contratransferência. Sexualidade.

* Membro da Associação Psicanalítica Argentina.



O tema específico da amizade foi pouco aprofundado na teoria e na clínica, apesar de que Freud (1921) já havia enunciado em *Psicologia das massas e análise do ego* a importância da amizade na vida anímica do sujeito.

Nesse texto, Freud evidencia a gravitação exercida por determinadas relações intersubjetivas nas quais “o indivíduo vivencia a influência de uma única pessoa ou de um número muito pequeno de pessoas, cada uma das quais foi adquirindo uma enorme importância para ele: os pais e irmãos, a pessoa amada, o amigo, o professor e o médico” (Freud, 1921, p. 67). Neste parágrafo, Freud escolhe o lugar do amigo no inventário dos fenômenos sociais como complemento das relações com os pais, com os irmãos e com o objeto de amor e situa a amizade antes da relação estabelecida pelo sujeito com o professor e com o médico.

Além disso destaca a oposição entre os fenômenos sociais e alguns outros processos “que chamamos de *narcisistas*, nos quais a satisfação pulsional é subtraída da influência de outras pessoas ou de renúncias a estas. Portanto, a oposição entre atos anímicos sociais e narcisistas-*autistas*, talvez dissesse Bleuler (1912), cai integralmente dentro do campo da psicologia individual e não habilita a divorciar esta última de uma psicologia social ou das massas” (Freud, 1921, p. 67).

Freud destaca a enorme importância do amigo na psicologia individual, sem especificar a sua significação funcional nas duas dimensões, intrapsíquica e intersubjetiva, e, ao mesmo tempo, menciona a influência simultânea que a psicologia social ou a psicologia de massas exerce sobre o sujeito por um grande número de pessoas com quem tem ligações como membro ou integrante de uma multidão organizada, como colega, concidadão, companheiro ou sócio por um tempo determinado e para um fim determinado.

Na Introdução de *A psicologia das massas e análise do ego*, Freud (1921) afirma que o sujeito só raramente e sob determinadas condições de exceção pode prescindir dos vínculos com outros:

Na vida anímica do indivíduo, o outro conta, com total regularidade, como modelo, como objeto, como auxiliar e como inimigo e, por isso, desde o seu início, a psicologia individual é simultaneamente psicologia social neste sentido mais lato, mas totalmente legítimo. (p. 67).

Na realidade, o amigo opera para o sujeito como um outro não consanguíneo, um estrangeiro com quem ele mantém um diálogo empático e no qual ambos se escolhem e reconhecem reciprocamente como modelo, como objeto, como auxiliar,



mas jamais como rival ou inimigo. O amigo detém poderes e, ao mesmo tempo, exerce suas funções próprias e defensivas na psicologia individual e na psicologia social.

Neste artigo, tomarei como base o estudo específico da amizade através dos temas seguintes:

1. Amizade: uma irmandade escolhida;
2. Correspondências na amizade;
3. O amigo na topologia intrapsíquica: o outro si próprio não consanguíneo;
4. Narcisismo e relação de domínio na amizade e no enamoramento;
5. Sexualidade e relação de domínio no campo analítico: a amizade de transferência.

Amizade: uma irmandade escolhida

“Um irmão pode não ser um amigo, mas um amigo será sempre um irmão.”
Demetrio de Falero (1996, p. 230).

A amizade é uma relação de irmandade escolhida, não imposta por laços consanguíneos, na qual são desativados os desejos edípicos e fraternos colocados em movimento pela aspiração fálica de chegar a ser o herdeiro único e o filho preferido de um pai-mãe-Deus.

Na amizade, estabelecem-se relações de objeto exogâmicas, embora possam facilmente tornar a filtrar-se com as conflitivas narcisistas, fraternas e parentais. É na amizade que são suspensas, em grande parte, as tensões originadas nas relações de domínio. Estas impedem seu surgimento e sua preservação. “Quando alguém deseja subordinar um ser humano ou subordinar-se a ele, não há traços de amizade” (Weil, 2007, s/p).

Somente há amizade quando há respeito à autonomia recíproca do diferente em si próprio e no outro e quando essa distância entre os sujeitos é aceita e conservada. Justamente, uma incapacidade para o estabelecimento da amizade poderia traduzir uma resistência do narcisismo, além de uma defesa contra moções homossexuais.

O amigo exerce uma função de acompanhamento nos estados angustiantes de solidão e em situações conflitantes relacionadas com o amor do parceiro e da família. Configurando uma lógica horizontal de uma confraternidade



solidária, possibilita processar o desligamento do poder vertical exercido pelos pais e pelos filhos. (Kancyper, 2003, p. 174).

A amizade aporta também uma singular função estruturante e catalítica durante as diversas fases dos processos da criatividade, através do fornecimento de diferentes modelos de identificação e de confronto que possibilitam cotejar com sentimentos de solidariedade: o diferente, o similar e o complementar. Freud menciona a contribuição da fonte erótica nos vínculos que se estabelecem entre pais e filhos, nos sentimentos de amizade e nos laços afetivos no casamento:

Após atingir a escolha de objeto heterossexual, as aspirações homossexuais não são – como se poderia pensar – canceladas nem suspensas, mas simplesmente forçadas ao afastamento da meta sexual e direcionadas para novas aplicações. Conjugam-se, então, com setores das pulsões egóicas para constituir com elas, como componentes reforçados, as pulsões sociais, gerando a contribuição do erotismo para a amizade, para o companheirismo, para o sentido comunitário e o amor universal pela humanidade. Nos vínculos sociais normais entre os seres humanos dificilmente será inferida a verdadeira magnitude destas contribuições de fonte erótica com inibição da meta sexual. (Freud, 1921, p. 131).

Para os antigos, a amizade era superior ao amor. Segundo Aristóteles, a amizade é “uma virtude ou vai acompanhada de virtude, sendo, além disso, a coisa mais necessária da vida”. Plutarco, Cícero e outros o seguiram no elogio da amizade.

Para este autor, há três tipos de amizade: por interesse ou utilidade, por prazer e por virtude. Esta é a “amizade perfeita, a dos homens de bem e similares em virtude, porque eles desejam igualmente o bem entre eles”. Os dois primeiros tipos de amizade são acidentais e estão destinados a durar pouco; o terceiro é duradouro e é um dos bens mais elevados a que um homem pode aspirar.

Para Hugo Mujica, a amizade representa uma das formas do amor, a forma que a intimidade adquire quando inclui a distância. Equipara-a a um nó desfeito e a um pacto de gratidão que envolve deixar-se escolher, uma entrega, mas “sem tornar-me seu”; inclui os outros, mas sem fusão física nem espacial.

A palavra amigo tem origem num radical grego do qual derivam também amor e amigável. Não é surpresa: sentimos que a amizade é uma das formas do amor, a forma que adquire quando a intimidade inclui a distância. Dessa



mesma raiz provém a palavra *ama*, no sentido de mãe, de mamãe. Isto tampouco deveria surpreender se pensarmos que a amizade, como todo amor, tem a capacidade de fecundar: gera singularidade. E poderíamos dizer, ainda, que a amizade é justamente o dom da singularidade: alguém me escolhe, me subtrai do tumulto de outras relações humanas, torna-me único, sem tornar-me “seu”. Neste sentido, a amizade é como um nó desfeito, um pacto de gratuidade, é um acontecimento não somente do amor, mas também da liberdade, mas a liberdade comprometida na história do outro, do outro amigo: do singular. Este “sem tornar-me seu” diferencia a amizade do amor de casal, inclui os outros, mas sem fusão física nem espacial. A amizade é, constitutivamente, desinteresse: não retira nem guarda nada dessa relação, exceto, logicamente, a gratificação afetiva, o sentimento e o crescimento de comprometer-se no humano pelo humano. Falei deliberadamente de ser escolhido, não de escolher. Dissemos que a amizade pertence à lógica do dom: não é um ato de minha vontade; não resolvo ser amigo deste ou daquele, ocorre. Acontece, me acontece. Depois, posso procurar razões, explicar, mas sobre algo já acontecido, já sentido; a origem da amizade, como de toda forma de amor, se impõe, ou, pelo menos, se propõe à minha resposta, à minha sensibilidade. Por isto, a amizade também é um deixar-se escolher. É uma disponibilidade: a de dar-me, entregar-me, arriscar-me a uma relação. Abrir-me e deixar entrar. Como dom, a amizade é uma graça: a graça de poder ser graça para outros, dar amizade a quem me procura como amigo. Chegar a ser mais do que eu. (Mujica, 2000, p. 7).

Scavino (1999) coloca em evidência a função social que a amizade pode exercer, para contrabalançar o poder “panóptico” exercido pelos Amos que tentam negar e suprimir a solidariedade e a cooperação íntimas entre os membros de uma sociedade. Cita Maquiavel, que já o dissera há mais de quatro séculos: “Divida e impere”. Mas como dividir sem destruir a solidariedade necessária para que a cooperação produtiva da amizade e do coleguismo continue existindo? É todo o segredo do poder.

Foucault dizia isso de outra maneira: o poder socializa, agrupa e compõe por um lado, mas individualiza, serializa e decompõe pelo outro. Jeremy Bentham havia criado um dispositivo capaz de realizar esta complexa operação: o panóptico. Os indivíduos eram dispostos em celas separadas de maneira que não tivessem relações com os outros, mesmo quando cada um realizasse, ao mesmo tempo, uma parte de um trabalho coletivo. Em *Vigiar e punir*, Foucault (1980) mostrou como este dispositivo carcerário, mas também fabril ou escolar ou militar, estendeu-



se febrilmente para a sociedade inteira, logicamente, de maneira mais abstrata e muito menos perceptível.

Correspondências na amizade

“A amizade duplica as alegrias e divide as angústias pela metade.” Francis Bacon (1561-1626) apud Rossi (1991, p. 34).

As correspondências são acordos entre os amigos que não costumam ser enunciados verbalmente. São pactos de amizade estabelecidos em cumplicidade inconsciente e consciente entre ambos, sustentados por vínculos recíprocos de tolerância, lealdade (Fernández Pérez, 2010) e admiração. Na amizade, o outro é investido como um outro aliado-ao lado. Ambos se necessitam, desejam e preservam. Diferentemente do sujeito paranóide, que considera o outro um antagonista, um inimigo que precisa atacar ou eliminar através de batalhas de extermínio para salvar-se de um perigo ameaçador. O paranóide, em flagrante oposição ao inimigo, cultiva a fúria e a discórdia.

A seguir, farei a transcrição de um relato intitulado justamente: *Correspondências*, de Juan Villoro (2010). Seu autor, neste pequeno texto, oferece-nos uma visão acerca das sempre enigmáticas correspondências humanas.

O amigo é um outro complementário, que não se identifica massivamente com o outro, mas con-sente e responde à necessidade e desejo do outro. É uma correspondência sentida e atuada a partir de uma empatia recíproca que se mantém ativa. De fato, entre ambos os amigos cria-se uma aliança virtuosa de correspondências, ponto de encontro de funções complementárias implícitas.

Tive um tio que vivia em San Luis Potosí, numa casa a ponto de vir abaixo. Cada vez que uma rachadura atravessava a parede em insolente zigue-zague, ele a cobria com uma estante. O lugar havia se tornado a biblioteca acidental de alguém que era aficionado da leitura e de não consertar as coisas.

De vez em quando, meu tio recebia a visita de um homem já avançado nos quarenta. Chamava-o de Garoto porque o conhecia de tempos atrás quando fora seu aluno na escola dos jesuítas. Depois de um cumprimento breve, quase áspero, o visitante percorria as peças. “Ele vem roubar livros”, murmurava meu tio.

Apesar de a biblioteca não ostentar os seletos excessos de um colecionador, revelava uma interessante paixão pelo amontoamento. Causou surpresa em mim



que meu tio se prestasse a esse espólio. “Não se preocupe com esses livros”, explicou-me numa tarde em que o Garoto saía com um volume sob a camisa: “Quando vou a sua casa, ‘roubo-os’ de volta”. A relação com seu ex-aluno baseava-se nesses peculiares acertos de contas. Perguntei-lhe se não havia sentido a tentação de subtrair algum volume a mais na outra biblioteca. “É possível, mas não percebi”, foi sua enigmática resposta.

O Garoto e meu tio teriam ficado entediados com o simples empréstimo de livros. Durante anos aperfeiçoaram uma cumplicidade baseada numa regulada desconfiança. Precisavam um do outro para o saqueio, sabendo que no final ficariam empatados. Cada livro levado em sigilo compensava um furto anterior.

*Às vezes, as boas relações prosperam graças a acordos nunca verbalizados ou a estranhos mal-entendidos. Quando o Garoto ousou pegar a edição original de *Em busca do tempo perdido*, meu tio sentiu-se autorizado a pegar *As mil e uma noites* na tradução inglesa de Burton. Ambos consideravam abusivo permanecer durante meses com obras tão valiosas, mas haviam encontrado a forma de que isso fosse não apenas tolerável, mas até divertido.*

Selar um pacto desse tipo depende de impulsos e reações não percebidas. Há anos, meu amigo Geraldo inventa pratos que põem à prova o apetite e, inclusive, o caráter de seus amigos. É excessivamente intrépido para ser qualificado de bom ou mau cozinheiro. Se um prato sai bem, significa que algo queimou acidentalmente. Nada disto seria importante se Geraldo levasse seu passatempo na brincadeira. A dedicação usada na preparação de seus pratos é muito superior ao resultado. “Gostaram?”, pergunta com a cândida temeridade de um estreante diante da crítica.

Não preciso dizer que algumas conversas após a refeição viraram um psicodrama. Uma noite, a selvagem administração do wasabi confirmou a tendência de Chacho a perder o controle. Para mudar de assunto, um dos presentes lembrou estranhas virtudes do anfitrião, como a tarde em que caiu de uma árvore tentando resgatar o papagaio australiano dos vizinhos.

Para não discutir essa indecifrável gastronomia, acostumei-me a lavar a louça enquanto os outros falavam de tomilho e pitadas de canela. O contato com a espuma e o toque circular da louça permitiam-me divagar. Antes de ter lavas-louças, Geraldo agradecia o gesto como uma ajuda prática. Depois, considerou-o como um apoio emocional para sua incerta aventura de cozinheiro. Pelo menos, foi isso o que eu pensei. Uma vez insistiu em cozinhar em minha casa, e também lavei a louça (demorando mais da conta porque não sabia onde estava o esfregão). Quando uma atividade se transforma em ritual, não precisa de justificativa para



se repetir. Os jantares com Geraldo envolvem que eu retire os pratos e me afaste para meu encontro com a espuma.

Meu amigo inventou um prato há algumas semanas. A refeição não impediu que o afeto circulasse como o vinho. Ao terminar, fui para a cozinha, onde me movimento com familiaridade. Imediatamente, detectei outro detergente. Isto não alterou minha rotina. No entanto, enquanto esfregava a louça, tive um pensamento mesquinho. Senti-me um grande amigo, orgulhoso de apoiar o desastrado interesse de Geraldo com a minha tarefa de lavador de louça. Mas esta vaidade sofreu um duro golpe. Algo me levou a espiar a sala de jantar onde os outros conversavam.

Geraldo olhava para o teto como um ornitologista que distingue penas raras e comentava: “Juan é meio louco, vocês sabem. A verdade é que eu cozinho para que ele possa lavar a louça; se ele não afunda as mãos na espuma, não consegue criar histórias. Em sua casa nunca tem tempo para lavar nada, mas como acredita que está me fazendo um favor, aqui ele consegue divagar esfregando a louça; só assim ele consegue relaxar e depois escreve alguma coisa. O jantar não saiu bom, mas era preciso sujar a louça para Juan”.

Foi desconfortável ouvir uma revelação tão apropriada. Geraldo e os demais amigos aceitavam essa representação para que eu pudesse me sentir útil diante da espuma que me era tão conveniente. Eu poderia ter respondido que Geraldo também precisava de apoio e que tudo havia começado por seu arriscado uso do orégano. Mas há mal-entendidos que não vale à pena esclarecer. Retornei à cozinha, senti a forma do prato circular e veio uma história à minha cabeça.

Neste texto fica claro que entre o garoto e o tio, por um lado, e Geraldo e seu amigo, por outro, existe o que Goethe chama de *Wahlverwandschaft*, uma afinidade eletiva recíproca, na qual há convergência de inúmeros elementos, um conjunto complementar de afetos e representações: compaixão não possessiva, ternura, admiração, alegria, humor, generosidade, confiança, tolerância, lealdade, bonomia e respeito pela alteridade comandados por um desejo veemente de colaborar na plasmação do infundável processo da configuração da própria identidade e da identidade do outro. Sem esquecer a ambivalência afetiva e das relações de poder que não acabam e que inexoravelmente aparecem em todos os vínculos humanos. Com a particularidade de que os componentes positivos prevalecem na amizade sobre os negativos: o amor sobre o ódio, o jogo e a competição sobre a rivalidade.

Diz o poeta Arturo Serrano Plaja: “Por amizade quero dizer descanso, acolhedor albergue, hospedaria, burladero interino da luta” (1998, p. 55). O *burladero* é uma defesa que se coloca diante das barreiras das praças e currais de



touros, suficientemente separada delas para que o toureiro possa se refugiar, burlando o touro que o persegue. A amizade opera nesse mesmo sentido, como um refúgio e um descanso que preservam o sujeito das investidas originadas nas realidades psíquica e externa e que representa, além disso, um potente antídoto contra o surgimento do fanatismo.

O amigo na topologia intrapsíquica: o outro si próprio não consanguíneo

Freud esboçou uma tópica, ou seja, uma teoria dos lugares psíquicos. Num primeiro momento, na época da *Interpretação dos sonhos* (1900), propôs uma distinção tripartite entre três lugares psíquicos: o consciente, o pré-consciente e o inconsciente.

Esta tópica foi substituída, vinte anos mais tarde, por uma segunda, também uma tripartição: superego, ego, id. O ego encontra-se esticado entre duas instâncias contraditórias que o submetem a mandados inconciliáveis, o id, que incita ao gozo e o que o proíbe. Esta segunda tópica não é incompatível com a primeira e é possível sobrepô-las, mas cada uma fala bastante, por sua própria existência, da insuficiência da outra.

Isto posto, proponho a inclusão na segunda tópica freudiana de um novo lugar psíquico dotado de características e funções diferentes, possível de dar uma representação figurada sobre um modelo antropomórfico espacial: a pessoa do amigo, como uma subestrutura diferente suplementaria das outras três instâncias dentro de uma concepção que é, ao mesmo tempo, tópica, dinâmica e estrutural do aparelho psíquico.

O amigo está localizado topologicamente ao lado do ego e possui uma significação funcional na relação intrassubjetiva: opera como um aliado que acompanha e hospeda o sujeito nos momentos de solidão e nas aventuras da vida. Este outro si próprio não consanguíneo possui, além disso, uma função defensiva: possibilita suplementar e compensar funções edípicas e fraternas falidas e elaborar os remanescentes endogâmicos do sujeito e sua saída para a exogamia e para a criatividade.

Destaco que o amigo está localizado no campo intrassubjetivo ao lado do ego para direferenciá-lo da posição vertical da instância do superego que, em seus aspectos cruéis, opera como um juiz severo que, desde cima, sentencia, controla e impõe castigos e necessidades de expiação ao ego. Não esqueçamos que o



superego não se reduz apenas a operar como um caldo de cultura puro de pulsão de morte, também exerce funções benévolas de proteção.

Paralelamente à função tópica, é preciso reconhecer no campo intrassubjetivo uma função dinâmica e econômica do amigo: a natureza abertamente conflitante da invenção do outro si próprio não consanguíneo favorece a conservação de sentimentos ambivalentes de amor e ódio amarrados aos jogos de poder, cujo retorno à consciência está, em muitos casos, censurado.

De fato, o amigo como um topos intrapsíquico do sujeito opera como um outro ego que reconhece e consente as diferenças recortadas do similar, entabulando com ele um encontro empático nas relações intrassubjetivas e intersubjetivas. Escreve Albert Camus (1942): “Não caminhes diante de mim, pode ser que eu não te siga. Não caminhes atrás de mim, pode ser que eu não te guie. Caminha junto a mim e sê meu amigo” (p. 69).

O amigo é um outro si próprio que reforça a identidade do sujeito além de questioná-lo nos seus supostos saberes e certezas e, ao introduzir uma pergunta sobre eles, introduz a possibilidade de uma certa separação, a criação de um “*entre*” dentro dele mesmo, o que possibilita contrabalançar a peremptoriedade imposta por seus hóspedes agitados: o id, o superego, o ideal de ego, o ego ideal e as exigências provenientes da realidade exterior.

Neste sentido, o estado da amizade intrassubjetiva opera como uma barreira para o deslocamento do sujeito, favorecendo uma relação de confiança e profundidade na integração de seu sentimento de si preservando, ao mesmo tempo, um espaço *entre* o ego e este outro amigo que não fascina nem adula, mas que o acompanha, discorda e ajuda ao mesmo tempo.

Neste sentido, o outro si próprio e aliado do sujeito está nas antípodas de *O gêmeo imaginário*, termo cunhado por W. Bion (1950) quando faz referência à maneira como um analisando cria, com aspectos cindidos de si próprio, uma dupla imaginária:

O gêmeo imaginário é uma expressão de sua incapacidade de tolerar um objeto que não estava totalmente sob seu controle. A função do gêmeo imaginário era, portanto, negar uma realidade diferente de si próprio. Juntamente com esta negação da realidade externa havia a sua incapacidade de tolerar as realidades psíquicas internas. (p. 34).

O gêmeo imaginário manifesta a dificuldade que certos analisandos têm de registrar a alteridade discriminada, de conceder ao outro uma existência enquanto pessoa real e não como uma coisa criada e dominada por ele mesmo. Estes





analisandos apresentam uma severa incapacidade de entabular uma relação de amizade que representa o campo do verdadeiramente intersubjetivo.

Real e efetivamente, o amigo celebra, tanto nas relações intrassubjetivas quanto nas intersubjetivas, o ocorrer de um diálogo de recíproca hospitalidade com esse outro não consanguíneo e, além disso, neutraliza a irrupção das angústias. O amigo possibilita que o ego, como instância que se constitui como representante dos interesses da pessoa, torne a se instalar em seu território, permita ancoragem e perspectiva quando modera a obrigação de se precipitar para atender as estridentes vozes polifônicas proferidas pelo id, pólo pulsional da personalidade, e pelo superego-ideal do ego, constituída pelas exigências e proibições parentais.

Na realidade, este diálogo intrapsíquico entre o amigo e o outro si próprio aliado e estrangeiro constrói laços solidários e confiáveis com as três instâncias psíquicas da personalidade. Para Agamben (2005):

[...] a amizade inscreve-se numa categoria particular. Possui uma condição ontológica, porque o que está em discussão na amizade implica a própria experiência. A própria sensação de ser. A sensação de ser está, de fato, sempre re-partida e com-partida e a amizade denomina esse compartilhar. O amigo é, por isto, outro si próprio que aporta o con-sentimento de sentir-se um existir e viver. Portanto, também pelo amigo se deverá con-sentir que ele existe e isto se manifesta com o conviver e tendo ações e pensamentos comuns. (p. 14).

Lembremos o que já foi expresso por Erasmo de Rotterdam (1469-1536) *apud* Stefan Zweig (2011) há seis séculos: “A verdadeira amizade chega quando o silêncio entre dois parece ameno” (p. 43). “Esse silêncio está longe de ser uma ocultação, um segredo. É mais a reafirmação da experiência vital da solidão que a presença do amigo torna suportável e fecunda” (Guzzetti, 2010, p. 87).

Na continuação transcreverei o reverso do vínculo solidário da amizade para diferenciá-lo de seu oposto, no qual um sujeito mantém com seu outro si próprio um vínculo atormentador de eloquente desprezo e inimizade. Ilustro-o através do poema *Carrasco de si próprio*, de Charles Baudelaire e do texto de J. Pontalis *Um lugar onde eu não estiver*.

O heautontimorumenos (Carrasco de si próprio)
Hei de te golpear sem cólera,
igual que Moisés a rocha,



*até brotar de tuas pálpebras
a água para minha boca.*

* * *

*Sou a ferida e o punhal,
Sou o escravo e o jugo,
o apenado e a prisão,
a vítima e o carrasco*

* * *

*De meu próprio coração
condenado a ser vampiro,
e a rir sem mais razão.
Riso que, afinal, é suspiro.*

Pontalis narra, em *Um lugar onde eu não estiver* (2011), o tema da inimizade na dinâmica intrassubjetiva num analisando devido à tensão gerada a partir da presença de um outro ominoso, um outro si próprio inimigo que continua socavando sem trégua e com crueldade as fundações da própria dignidade de um sujeito devastado na sua realidade psíquica e que “aspira somente a uma coisa: tirar umas férias de si mesmo” (p. 80).

O homem sofre de uma depressão grave. O irmão mais moço, que é também seu melhor amigo – isso acontece –, propõe uma mudança para o chalé que meu paciente possui na Alta Saboya durante o tempo que ele quiser. “Seria como umas férias. Ficaremos lá nós dois, tomaremos banhos nas cachoeiras, como antes você me levava, lembra? Agradeço, você realmente é muito gentil, mas sabe? Você teria que me enviar para um lugar onde eu não estivesse.” Nunca antes havia ouvido palavras tão fortes, tão verídicas, de um deprimido. Sua própria companhia foi o que se tornou insuportável. Se encontrasse um lugar onde ele não estivesse, talvez seus tormentos cessassem. “Finalmente já não estou ali, comigo”. Sua aspiração é somente uma: ter férias de si próprio. (p. 88).





Narcisismo e relação de domínio na amizade e no enamoramento

“A amizade não é menos misteriosa que o amor ou que qualquer uma das outras faces desta confusão que é a vida.”
Borges, *O indigno* (1970, p. 153).

Vínculos afetivos muito diversos são chamados de amor. O enamoramento é um deles, um outro destino é a amizade. *Eros e philia*, o amor e a amizade foram, muitas vezes, comparados a paixões complementárias e, em outras, a maioria, a paixões opostas. Octavio Paz (1994) sustenta que a escolha e a exclusividade são condições que a amizade compartilha com o amor: “No entanto, podemos estar enamorados de uma pessoa que não nos ame; mas a amizade sem reciprocidade é impossível” (p. 79).

Tentarei cotejar a encruzilhada narcisista – objeto na amizade e no enamoramento – para colocar em evidência suas eloquentes diferenças através da focalização dos temas da idealização e das relações de domínio.

a) Nas amizades, relações de objeto são mais objetais e menos narcisistas que no enamoramento.

Na amizade, conserva-se uma delimitação mais nítida de um espaço e de um tempo discriminados *entre* os integrantes. Portanto, a desmentida e a idealização narcisistas estão menos ativas *entre* os amigos, enquanto que, nos enamorados, prevalecem a fusão, a paixão e a confusão.

Na amizade, assume-se a falta, a ferida fundamental e constituinte no seio de cada um e *entre* ambos. Na experiência da amizade encontramos, preponderantemente, um trabalho imposto ao psiquismo pela muda carga de ódio subjacente na relação com o outro, investido como um semelhante.

Este modo de tramitação do ódio que possibilita a diferenciação com o amigo implica reconhecer e consentir as diferenças que são recortadas na amizade. Este é o território do verdadeiramente *inter*-subjetivo.

Sem esse *entre*, com o passar do tempo o diálogo morre e o mundo acaba. É somente nesses interstícios que floresce a amizade e também o mundo. Portanto, a experiência da amizade mais do que um fato da intimidade, é um acontecer entre o público e o privado, um acontecimento de revitalização cultural. Um olhar amigo não é um olhar complacente nem adulator, é um olhar que consegue reconhecer e fazer lugar no *altero* do outro e de si



mesmo para algum desejo singular. Não se trata do conteúdo de algum desejo comum, mas do reconhecimento da posição desejosa do outro para além de si mesmo. Esta situação, por um lado, torna-os similares e, por outro, diferentes, estrangeiros na terra do amor narcisista. (Migueluez, 2010, p. 101-102).

No enamoramento, diferentemente do que acontece na amizade, o sentimento egóico está exposto a perturbações na dimensão narcisista, e os limites de seu ego com o outro se diluem. Entre os enamorados desperta-se a ilusão de um sentimento de atadura indissolúvel e de um co-pertencimento oceânico, perfeito e totalizador.

A clínica psicanalítica atesta que, “no topo do enamoramento, há uma ameaça de desvanecimento dos limites entre o ego e o objeto. Contrariando todos os testemunhos dos sentidos, o enamorado assevera que eu e tu são um e está disposto a comportar-se como se assim fosse” (Freud, 1930, p. 67).

Lembremos que Ferenczi (1959) já havia escrito sobre o amor antes de tornar-se psicanalista. Ele considerava que este tema, lamentavelmente, havia sido pouco estudado pela ciência [...], embora sua fenomenologia já, na época, o definisse como “turbulência emocional” e de uma extrema “facilidade para gerar pequenas e não tão pequenas catástrofes psíquicas” (p. 98). De fato, o enamoramento, ao mesmo tempo que fascina, transtorna.

O enamorado costuma reagir com uma turbulência afetiva diante do afastamento, da desilusão, ou da não correspondência do objeto de amor, chegando ao extremo de sua desorganização psíquica por uma desidealização paroxística que costuma reativar angústias primitivas de desamparo e de morte. Enquanto que a ruptura, a desilusão e a traição na amizade costumam reativar efeitos não tão regressivos e, portanto, menos destruidores e catastróficos.

b) No enamoramento, o objeto é idealizado, superinvestido pelo ego e, portanto, confere ao objeto uma medida maior de libido narcisista que na amizade.

Segundo Freud, em *Enamoramento e hipnose* (1921), ama-se em virtude de perfeições aspiradas para o próprio ego e que agora se gostaria de ter para satisfação do narcisismo. “No enamoramento, o objeto idealizado devora o ego” (p. 107).

Realmente, o autossacrifício, o fascínio e a servidão do enamorado são manifestações eloquentes de que o objeto foi superinvestido a custas do próprio ego. Há ocasiões em que essa servidão pode chegar muito longe, até à perda de toda vontade autônoma e à admissão dos maiores sacrifícios do próprio interesse.

A servidão amorosa, a devastação da própria dignidade e a ausência da



reciprocidade amorosa com o objeto de amor no estado de enamoramento estão expressas, de modo eloquente, em *Os irmãos Karamazov* de F. Dostoiévski (2010), numa carta enviada pela enamorada Katia a Dimitri, seu amor não correspondido: “Amo-te com loucura. Se não me quiseres, não importa. Basta que cases comigo. Não temas, não te incomodarei, serei para ti como um móvel, como o tapete que pisas. Quero amar-te para sempre, desejo salvar-te de ti mesmo” (p. 164).

No entanto, na amizade, o outro não é forçosamente superinvestido. O sentimento da amizade tem origem e sustento entre semelhantes, mas não idênticos, já que sempre um encarna determinados aspectos do ideal do ego do outro. Na amizade, ambos são escolhidos no con-sentimento e no reconhecimento mútuo por seus atributos reais e por seus atributos não ideais.

A consideração do outro como um sujeito diferente e também em falta possibilita respeitar a própria mesmice e, ao mesmo tempo, a alteridade do amigo, pois só suportando a castração do outro e a própria, poder-se-á vencer a mítica tentação de divinizar o homem, assim como o arcaico desejo de ocupar o impossível lugar de Deus.

Portanto, na amizade o sujeito não fica empobrecido na sua encruzilhada narcisista-objetal com o outro exogâmico; pelo contrário, ele é enriquecido pelo processo de identificação recíproca que, de um modo silente, se desdobra entre ambos os amigos.

c) Identificação e idealização no enamoramento e na amizade.

No enamoramento, o ego empobreceu, entregou-se ao objeto, concedeu-lhe o lugar mais importante em sua economia psíquica, idealizou-o, superinvestido a suas custas. “Traços de humilhação, restrição do narcisismo, prejuízo de si, estão presentes em todos os casos de enamoramento” (Freud, 1921, p. 107).

Para o enamorado, o objeto do enamoramento é o objeto único, não se presta atenção em ninguém mais além dele. “O que ele pede e assevera é vivenciado oniricamente pelo ego, o que indica que há perda de uma das funções do ideal do ego, o exame de realidade” (Freud, 1921, p. 108).

No enamoramento, o objeto é colocado no lugar do ideal de ego-superego do enamorado. Gera-se, entre ambos, um vínculo hipnótico. E “O vínculo hipnótico é uma formação de massa de dois” (Freud, 1921, p. 109). Mas o que diferencia o estado de enamoramento do estado hipnótico é que, no enamorado, além de sua subordinação ao outro idealizado e idolizado ser irrestrita, ela inclui a procura de uma satisfação sexual direta.

A amizade, diferentemente do enamoramento, exclui a satisfação sexual direta. Nela prevalecem as aspirações sexuais de meta inibida, e estas perpetuam e garantem a vigência da amizade através dos tempos indefinidos e das distâncias



geográficas. “As aspirações sexuais de meta inibida conseguem criar ligações tão duradouras entre os seres humanos porque não são suscetíveis de uma satisfação plena. Não se extinguem” (Freud, 1921, p. 109).

“Um sentimento só pode ser uma fonte de energia se o mesmo constituir a expressão de uma intensa necessidade” (Freud, 1930, p. 72). E no que se refere à necessidade e à saudade da amizade que se conserva tão duradoura através das diferentes fases da vida, parece-me que derivam do afã que se apodera do sujeito de encontrar, num outro exogâmico, uma dupla especular e, ao mesmo tempo, diferente e complementar, que o convalide no campo da intersubjetividade na infundável construção do processo de sua identidade.

d) Relações de domínio no enamoramento e na amizade.

No enamoramento apresenta-se “um suplemento de paralisia que provém da relação entre uma pessoa de mais poder e uma impotente, desamparada, o que talvez nos remeta à hipnose por pavor nos animais.” (Freud, 1921, p. 109).

A amizade, ao contrário, é comandada por uma relação de domínio mais simétrica e complementar na qual não há presença da obediência sugestiva, nem a alienação fascinante do enamoramento.

Os enamorados tentam recuperar o arcaico Éden da *Bíblia*. Adão e Eva transgridem a sentença divina. Ambos comem os frutos das árvores proibidas da vida e do conhecimento do bem e do mal. Na plenitude da fusão tenra e sensual, os enamorados sentem-se imortais e possuidores de um saber irrestrito e de um domínio planetário no mítico paraíso criado por ambos.

Segundo Alejandra Pisarnik *apud* Bordelois (1998): “Comemos os frutos da árvore do mais ou menos. Buscamos o absoluto e encontramos apenas coisas. E, ao mesmo tempo, existe o imperativo de enfrentar essa fenda irremediável, sem disfarces nem contemporizações de nenhum tipo” (p. 60).

Enquanto o enamoramento costuma desmentir essa fenda irremediável, essa falha estrutural, na amizade enfrenta-se a falta e assume-se e tolera-se a desidealização de um domínio da crença do absoluto, tanto do objeto como do ego. Os amigos requerem a deposição do controle omnímodo narcisista do outro.

Para isso, cada um requer, por um lado, elaborar o luto narcisista pela perda da própria onipotência e prescindência do outro e, por outro lado, assumir a necessidade e o desejo de encontrar em algum outro um outro que cumpra um pacto de correspondências recíprocas com confiança, intimidade, lealdade e humildade.

No entanto, os indivíduos que estabelecem suas relações a partir do uso e do abuso do domínio acabam se tornando “déspotas terríveis que não conseguem tolerar na amizade, nem sequer na mais antiga, um tratamento de igual para igual”



(Dostoievski, 2006, p. 474). Diz Nietzsche: “Se você for um escravo, não poderá ser amigo e, se for um tirano, não poderá ter amigos” (2009, p. 57). Parafraseando o filósofo poderíamos dizer: “Se você for um desconfiado, não poderá ser amigo e, se for um soberbo, não poderá ter amigos.”

Entretanto, apesar das eloquentes diferenças existentes entre as dinâmicas do enamoramento e da amizade, não podemos esquecer que tanto uma quanto outra são nutridas pela mesma corrente de fundo de desejo, como anseio veemente que insiste em plasmar uma união que alivie a carência de base que nos constitui como seres separados.

Sexualidade e relação de domínio no campo analítico: a amizade de transferência

“Negamo-nos terminantemente a tornar o paciente um patrimônio pessoal, a plasmar por ele seu destino, a impor nossos ideais e, com a arrogância do criador, deleitar-nos com nossa obra após tê-la feito a nossa imagem e semelhança”. Novos caminhos da terapia psicanalítica (Freud, 1918, p. 160).

Green (1996) sustenta que é notório como na prática clínica dos últimos anos observa-se a pouca presença da pulsionalidade nos materiais clínicos, pulsionalidade que costuma ser substituída por uma mudança de paradigma: aquele que prefere tomar como referência a teoria das relações de objeto, minimizando e até ignorando as manifestações sensuais e tenras da pulsão sexual e das relações de domínio que se presentificam inexoravelmente no seio do campo analítico com crianças, adolescentes e adultos.

Há duas razões que explicam este estado de coisas. Por um lado, as indicações de análise foram deslocadas para pacientes mais regressivos e neuróticos, ou seja, para estruturas não neuróticas (casos limite, personalidades narcisistas, caracteres patológicos, depressões, síndromes psicossomáticas, etc.) onde o papel etiopatogênico da sexualidade tornou-se menos evidente. No entanto, a implicação de desordens referentes ao



ego é muito mais manifesta e foi exaustivamente estudada. Por outro lado, a sexualidade é menos ostensiva porque os analistas, de um modo mais ou menos inconsciente, procuram apagar seu papel. Quer dizer que, mesmo quando estiver presente no material, nos fantasmas, nos sonhos, ou numa transferência, o analista minimiza e até ignora essas manifestações, considerando-as contingentes ou defensivas. (p. 672-673).

Cria-se, conseqüentemente, um baluarte “distráido” da sexualidade e do poder. Este é proveniente da colusão das resistências do analisando e das contrarresistências do analista, como se tivessem entrado num acordo entre si para não ver o que acontece com o caráter potencialmente traumático da sexualidade humana e das relações de domínio na dinâmica transferencial-contratransferencial.

As categorias que usamos habitualmente para diferenciar, na situação analítica, as formas de transferência (transferência positiva, transferência negativa e transferência erótica) são, na realidade, descritivas e fundamentadas sobre os matizes do amor e do ódio. A categorização que proponho fundamenta-se nas estruturas envolvidas, distinguindo a transferência e contratransferência narcisista da edípica e esta da fraterna. Dentro desta última, distingo também a amizade de transferência-contratransferência.

A amizade de transferência em simetria, como contraponto à noção de amor de transferência (Freud, 1915), é uma transferência positiva sublimada que favorece a aliança terapêutica. Manifesta-se na dinâmica do campo analítico, no seio de uma atmosfera (*Stimmung*) afetiva confortável, tenra, relaxada e intensa ao mesmo tempo.

Na realidade, na amizade de transferência, tanto o analista como o analisante mergulham numa entrega franca e profunda, preservando, ao mesmo tempo, a assimetria funcional do processo analítico. No entanto, o vínculo afetivo que comanda o amor de transferência tem a natureza de um enamoramento compulsivo, tenso e desafiador, com aspectos plenamente sensuais e hostis inconciliáveis com a tarefa da análise que não vacila em levá-lo a um dilema sem saída.

No amor de transferência, o analisante reproduz de maneira palpável, como algo presente, o vínculo inconsciente de sua história íntima, ao invés de lembrá-la.

O amor do paciente não se conforma com obedecer; torna-se exigente, pede satisfações ternas e sensuais; reclama exclusividades, desenvolve ciúmes e mostra, de maneira cada vez mais íntima, sua outra face, a



prontidão para a hostilidade e a vingança quando não consegue alcançar seus propósitos. Ao mesmo tempo, como todo enamoramento, deixa para trás os demais conteúdos anímicos, extingue o interesse pela cura e pelo restabelecimento; em suma: não podemos duvidar de que houve uma substituição da neurose e que o resultado do nosso trabalho foi substituir uma forma de doença por outra. (Freud, 1926, v. 20, p. 211).

Enquanto o amor de transferência foi, geralmente, vivido pelo analisando na sua infância, no vínculo com um de seus progenitores, na amizade de transferência é colocada novamente em cena (*Aufführen*) uma antiga peça que corresponde ao vínculo exogâmico com os amigos e companheiros da infância e da adolescência nas suas conotações tanto positivas como negativas, abrindo a partir desse ponto o caminho para a historização dos fundamentos infantis e adolescentes no analisando, relacionados aos afetos e representações ligados à temática da amizade.

Brun (2003) descreve a magnitude da paixão das amizades infantis e destaca a importância da continuidade do cotidiano nas crianças, traduzida no contato diário com os colegas da escola, equivalente à continuidade interior. Afirma que não é somente importante a continuidade ou a estabilidade do meio familiar como geralmente se sustenta. “Estes vínculos amarrados na infância deixam marcas duradouras, costumam orientar certas escolhas posteriores e as maneiras como são interrompidos tornam a ser encontradas em outras rupturas. A perda dos colegas equivale a uma perda psíquica que reaparece em sonhos posteriores, e os jogos de poder na amizade costumam se deslocar mais adiante em substitutos ou no psicanalista” (p. 1082).

A procura e a necessidade de um amigo investidos sobre a figura do analista na dinâmica transferencial fundam-se no encontro e no alojamento com um outro exogâmico, com um “estrangeiro” confiável e complementar numa relação marcada pela presença de uma entrega recíproca; o amigo assume o lugar de um duplo aliado que opera em flagrante oposição à lógica trágica comandada por um duplo ominoso que subjaz na dinâmica da luta narcisista, fraterna e edípica, na qual o outro é investido e identificado no lugar de um inimigo ou rival e gesta os reincidentes fratricídios, filicídios e parricídios relatados na infausta história da humanidade.

O amigo revela, definitivamente, a irredutibilidade da apropriação da alteridade do outro. Em contraste com o fraterno, com o qual subjaz uma tensão suscitada pela rivalidade, o amigo não tenta homogeneizar o outro na própria



imagem, mas busca alojá-lo com confiança enquanto estrangeiro. Parafraseando Freud, trata-se de poder vencer na amizade, ali onde o paranóico fracassa.

Podemos dizer que, num processo analítico, o analista investido com a figura do amigo irá se tornando uma presença confiável e leal, capaz de sobreviver ao exercício de destruição imaginária a que o submetem o amor-ódio e a pulsão de domínio na dinâmica transferencial – contratransferencial do campo analítico.

Por isso, considero importante não descuidar do valor heurístico da instrumentação do conceito da amizade de transferência no processo analítico, que se caracteriza, segundo Baranger *et al.* (1982), “pelo trabalho ativo que o analisando realiza, cooperando com o analista: um esforço de sinceridade até o limite do possível; de escutar o analista e dizer tanto ‘sim’ quanto ‘não’, deixar-se retornar e progredir” (p. 545).

De fato, a amizade de transferência representa um momento transferencial – contratransferencial diferente do edípico, narcisista e fraterno. Opera como um indicador clínico particular que surge quando se constrói uma atmosfera de intimidade, confiança e franqueza profundas no vínculo entre analisante e analista e suscita, conseqüentemente, tornar conscientes certos desejos reprimidos e cindidos que, por dor, culpa ou vergonha, haviam sido contidos secretamente porque infligiam uma intolerável vexação psicológica no analisando.

A dinâmica flutuante da amizade de transferência costuma marcar, dentro das diversas fases de um processo analítico, a abertura de um acesso: a aventura de imersão nas raízes mais íntimas de novos aspectos da verdade histórica do sujeito. Momento pontual, no qual costuma manifestar-se, com coragem e franqueza, a parresia.

Foucault rastreou, na literatura e na filosofia greco-romanas, uma função, a “parresia” e uma posição do sujeito, o “parresiasta”, caracterizadas por “uma relação específica com a verdade através da franqueza”, cujo efeito é a crítica e a autocrítica e cujo custo é o risco individual. Este termo foi tomado do grego *pan rhema* e significa literalmente “dizer tudo”, por extensão “falar livremente”, “falar atrevidamente com franqueza” sem medir o perigo. Foucault (2004) resume o conceito de parresia da seguinte maneira:

De maneira mais precisa, a parresia é uma atividade verbal, na qual um orador expressa sua relação pessoal com a verdade e corre perigo porque reconhece que dizer a verdade é um dever para melhorar ou ajudar outras pessoas (tanto como a si próprio). Em parresia, o orador usa a sua liberdade e escolhe a franqueza em vez da persuasão, a verdade em vez da falsidade, ou o silêncio, o risco de morte em vez da vida e da segurança, a crítica em



vez da adulação e o dever moral em vez do auto-interesse e da apatia moral. (p. 78).

O jogo da parresia é estabelecido a partir de um tipo de pacto, no qual há intervenção simultânea de duas coragens: “a coragem da verdade em quem fala e assume o risco, mas também a coragem do interlocutor que aceita receber como certa a verdade ofensiva. A prática da parresia (o falar com franqueza) é o oposto da arte da retórica” (Foucault, 2004, p. 106).

Na verdade, a presença da amizade de transferência e de suas diferentes oscilações revela o vencimento da pressão do jogo intrincado das resistências do analisando e das contrarresistências do analista que cria obstáculos para a progressão da busca livre e valorosa do conhecimento sobre si mesmo na dinâmica do campo analítico e propicia um aumento da empatia psicanalítica (Bolognini, 2004).

Foucault (2010) cita o texto de Plutarco “Como distinguir um adulator de um amigo” (p. 25) para enfatizar a necessidade de contar com um outro, com um amigo que cumpra o papel de parresiasta, já que frequentemente a relação predominante com o si mesmo é ilusória e enganosa.

Na amizade de transferência, o analista está investido como se fosse um amigo confiável e franco, mas o analista não responde em ato às demandas de satisfação de amizade do analisante. Embora, durante o transcurso do processo analítico, o analista corra o risco de diluir as fronteiras de sua assimetria funcional como analista para diluir-se num plano de “cúmplice” ou de “companheiro de rota”, minando, então, o sentido e os fins da psicanálise.

Considero importante não confundir a amizade de transferência com uma transferência amistosa, idealizada e adulatora, na qual há uma cisão do peso exercido pela sexualidade e sua conexão com as relações de domínio. Além disso, deve-se levar em consideração o perigo que esta transferência não se cristalice e se torne defensiva, para encobrir a dinâmica das outras transferências tanto positivas como negativas, narcisistas, edípicas e fraternas, que costumam manifestar-se de um modo inevitável durante as diferentes fases de um processo analítico. □

Abstract

Transference friendship

The author concentrates in the specific study of friendship, through the following topics: 1) Friendship: a chosen fraternity; 2) Correspondences in friendship; 3)



The friend in the intrapsychic topology: the other non-consanguineous self; 4) Narcissism and domination relationship in friendship and in falling in love; 5) Sexuality and the domination relationship in the analytical field: transference friendship. Transference friendship in symmetry as a counterweight to the notion of transference love (Freud, 1915), is a positive transference sublimated, which favors the treatment alliance. It is manifested in the dynamics of the analytic field in the core of an affective, comfortable, tender, and at the same time distended and intense atmosphere (*Stimmung*). In fact, transference friendship represents a transference-countertransference moment which is different from the oedipic, narcissistic, and fraternal moments. It operates as a peculiar clinical indicator, which emerges when an atmosphere of deep intimacy, trust, and honesty is constructed in the bond between analysand and analyst, and it evokes, as a consequence, the consciousness of repressed and split desires which, due to pain, guilt or shame, have been secretly silenced, since they have caused in the analysand an unbearable psychological shame.

Keywords: Narcissism. Falling in love. Love. Friendship. Domination relationship. Transference. Countertransference. Sexuality. Transference friendship.

Resumen

Amistad de transferencia

En este artículo, el autor se centra en el estudio específico de la amistad a través de los siguientes temas: 1) Amistad: una hermandad elegida; 2) Correspondencias en la amistad; 3) El amigo en la topología intrapsíquica: el otro sí mismo no consanguíneo; 4) Narcisismo y relación de dominio en la amistad y en el enamoramiento; 5) Sexualidad y relación de dominio en el campo analítico: la amistad de transferencia. La amistad de transferencia en simetría como contrapunto a la noción de amor de transferencia (Freud, 1915) es una transferencia positiva sublimada que favorece la alianza terapéutica. Se manifiesta en la dinámica del campo analítico en el seno de una atmósfera (*Stimmung*) afectiva confortable, tierna, distendida e intensa a la vez. En efecto, la amistad de transferencia representa un momento transferencial-contratransferencial diferente del edípico, narcisista y fraterno. Opera como un indicador clínico particular que surge cuando se construye una atmósfera de intimidad, confianza y franqueza profundas en el vínculo entre analizante y analista y suscita, como consecuencia, hacer conscientes ciertos deseos reprimidos y escindidos que, por dolor, culpa o vergüenza, habían



sido acallados secretamente, porque infligían al analizante una intolerable vejación psicológica.

Palabras llave: Narcisismo. Enamoramiento. Amor. Amistad. Relación de dominio. Transferencia. Contratransferencia. Sexualidad.

Referências

- AGAMBEN, G. (2005). La amizade. *Diario La Nación*, 25 de setiembre.
- ARISTÓTELES. *Ética nicomaquea*. Buenos Aires: La nave de los locos, 1983.
- BARANGER, M.; BARANGER, W.; MOM, J. (1982). Proceso y no proceso analítico. *Rev. de Psicoanálisis*, v. 39, n. 4.
- BAUDELAIRE, C. *La flores del mal*. Madrid: Alianza, 1982.
- BION, W. (1950). *Volviendo a pensar*. Buenos Aires: Hormé.
- BOLOGNINI, S. (2004). *La empatía psicoanalítica*. Buenos Aires: Lumen.
- BORDELOIS, I. (1998). *Correspondencia Pizarnik*. Buenos Aires: Seix Barral.
- BORGES, J. L. El indigno. In: *El informe de Brodie*. Barcelona: Plaza & Janes, 1970.
- BRUN, D. (2003). La pasión en la amistad. *Rev. de Psicoanálisis*, T. 60, n. 4.
- CAMUS, A. (1942). *El mito de Sísifo y el hombre rebelde*. Buenos Aires: Losada, 1963.
- DOSTOIEVSKI, F. (2006). *El idiota*. La Plata: Terramar.
- DOSTOIEVSKI, F. (2010). *Los hermanos Karamazov*. Buenos Aires: Longseller.
- DEMETRIO, C.; LONGINO. (1996). *Sobre el estilo, sobre lo sublime*. Madrid: Gredos, 1996. 230 p.
- FERENCZI, S. (1959). *Sexo y psicoanálisis*. Buenos Aires: Hormé.
- FERNÁNDEZ PÉREZ, R. (2010). *Comunicación personal*.
- FOUCAULT, M. (1980). *Vigilar y castigar*. México, Siglo 21.
- _____. (2004). *Discurso y verdad en la antigua Grecia*. Barcelona: Paidós.
- _____. (2010). *El coraje da verdad*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.
- FREUD, S. (1915). Puntualizaciones sobre el amor de transferencia. In: *Obras completas*. v. 12, Buenos Aires: Amorrortu.
- _____. (1918). Nuevos caminos da terapia psicoanalítica. In: *Obras completas*. v. 17, Buenos Aires: Amorrortu.
- _____. (1921). Psicología de las masas y análisis del yo. In: *Obras completas*. v. 18, Buenos Aires: Amorrortu.
- _____. (1926). ¿Pueden los legos ejercer el análisis? In: *Obras completas*. v. 20, Buenos Aires: Amorrortu.
- _____. (1930). El malestar en la cultura. In: *Obras completas*. v. 21, Buenos Aires: Amorrortu.
- GOETHE, W. *Las afinidades electivas*. Madrid: Alianza, 2000.
- GREEN, A. (1996). Apertura para una discusión sobre la sexualidad en el psicoanálisis contemporáneo. *Rev. de Psicoanálisis*, v. 53, n. 3.
- GUZZETTI, C. (2010). El amigo ¿otro sí mismo? *Rev. Mal estar. Psicoanálisis/cultura*. v. 11, Buenos Aires: Edulp.
- KANCYPER, L. (2003). *Jorge Luis Borges o la pasión de la amistad*. Buenos Aires: Lumen.
- MIGUELEZ, L. (2010). *Astillas en el tiempo*. Buenos Aires: Letra viva.



Luis Kancyper

MUJICA, H. (2000). No se elige, se acontece. *Revista Viva del Diario Clarín*. Buenos Aires, 15 de julio.

NIETZSCHE, F. W. *Obra selecta*. Dos volúmenes. Madrid: Gredos, 2009.

PAZ, O. (1994). *La llama doble: amor y erotismo*. Barcelona: Seix Barral.

PONTALIS, J.-P. (2011). *Al margen de las noches*. Buenos Aires: Paidós.

ROSSI, P. *Francis Bacon*. Madri: Alianza, 1991.

SCAVINO, D. (1999). La amistad versus el poder. *Diario Clarín "Cultura y Nación"*. Buenos Aires, 25 de abril.

SERRARO PLAJA, A. *Versos de guerra y paz*. Madrid: Alianza, 1998.

VILLORO, J. (2010). Correspondencias. *Diario La Nación*. Buenos Aires, 1 de febrero.

WEIL, S. *Escritos históricos y políticos*. Madrid: Trotta, 2007.

ZWEIG, S. *Erasmus de Rotterdam: triunfo y tragedia de un humanista*. Madrid: Paidós Iberica, 2011.

Recebido em 06/04/2012

Aceito em 09/05/2012

Tradução de **Beatriz Affonso Neves**

Revisão técnica de **Vânia Dalcin**

Luis Kancyper

Güemes 2963 piso 10º, C1425BKA

Buenos Aires – Argentina

e-mail: kancyper@uolsinectis.com.ar

© Luis Kancyper

Versão em português Revista de Psicanálise – SPPA